



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

ANA PAULA SILVA BRITO

AMOR É PROSA SEXO É POESIA: CRÍTICA E REALIDADE SÓCIO-POLÍTICA
NACIONAL NAS CRÔNICAS DE ARNALDO JABOR

Professor (a) orientador (a):

Ms. Maria de Fátima Cavalcante Luna

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA

FEVEREIRO DE 2010

ANA PAULA SILVA BRITO

***AMOR É PROSA SEXO É POESIA: CRÍTICA E REALIDADE SÓCIO-POLÍTICA
NACIONAL NAS CRÔNICAS DE ARNALDO JABOR***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo, orientado pela prof^a. Ms. Maria de Fátima Carvalho Luna.

Orientador (a): Ms. Maria de Fátima Cavalcante Luna

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA
FEVEREIRO DE 2010

B862a Brito, Ana Paula Silva.

Amor é prosa sexo é poesia [manuscrito]: crítica e realidade sócio-política nacional nas crônicas de Arnaldo Jabor / Ana Paula Silva Brito. – 2010.

18 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2010.

“Orientação: Profa. Ma. Maria de Fátima Cavalcante Luna, Departamento de Comunicação Social”.

1. Análise Literária. 2. Crônica. 3. Literatura Brasileira. I. Título. II. Jabor, Arnaldo.

21. ed. CDD 801.95

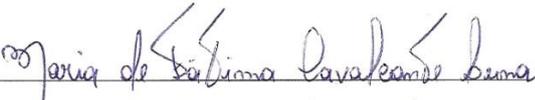
ANA PAULA SILVA BRITO

**AMOR É PROSA SEXO É POESIA: CRÍTICA E REALIDADE SÓCIO-POLÍTICA
NACIONAL NAS CRÔNICAS DE ARNALDO JABOR**

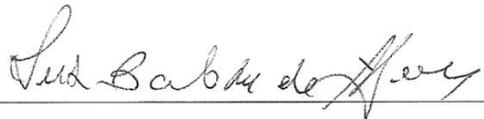
Defesa: 04/02/2011

Nota: 8,0

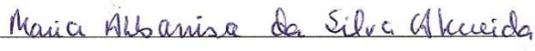
Comissão Examinadora:



Professora Ms. Maria de Fátima Cavalcante Luna
Orientadora – UEPB



Professor Esp. Luiz Barbosa de Aguiar
Examinador – UEPB



Professora Ms. Maria Albanisa da Silva Almeida
Examinadora – UEPB

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA

FEVEREIRO DE 2010

AMOR É PROSA SEXO É POESIA: CRÍTICA E REALIDADE SÓCIO-POLÍTICA NACIONAL NAS CRÔNICAS DE ARNALDO JABOR

Ana Paula
Maria de Fátima Cavalcante Luna²

RESUMO

Como cronista, cineasta e comentarista, Arnaldo Jabor em ambas as atuações utiliza-se da realidade brasileira para fazer suas artes. Nesse sentido, o cenário nacional se torna a matéria prima de seus filmes, comentários e crônicas. Pensando entender a construção de suas obras objetivamos analisar as crônicas publicadas em uma de suas coletâneas – Amor é Prosa Sexo é Poesia – Crônicas afetivas – buscando, pois verificar a existência de abordagens acerca da realidade sócio-política do Brasil, sobretudo em produções em que o tema central é de cunho emocional. Para tanto, utilizaremos como metodologia a análise de conteúdo, além de uma breve análise quantitativa dos textos que compõem a obra. Através dessa abordagem metodológica, constatamos que as produções nas quais a temática principal dava enfoque ao universo afetivo, continham abordagens e referências em torno da realidade social e política nacional. A quantificação dos textos demonstrou que metade das produções focaliza o lado da emoção, enquanto a outra metade trata de temáticas que giram em torno de fatos concretos. A pesquisa possibilitou a comprovação de que as crônicas analisadas trazem muito da realidade brasileira e que as particularidades do país, referentes aos aspectos sociais e políticos, são explicitadas em todos os textos nos quais o tema central valoriza a emoção.

PALAVRAS-CHAVE: Arnaldo Jabor, crônicas, realidade sócio-política.

ABSTRACT

Arnaldo Jabor, working as a chronist and critical, uses in both situations the Brazilian reality to show his talent. Take his work as a reference, the national scenery becomes the masterpiece of his films, critics and chronicles. Trying to understand how he creates his writing productions we aim at analyzing the chronicles published in one of his collections – Love is Prose Sex is Poetry – Affectionate Chronicles – looking for the existence of approaches to the socio-political realities of Brazil, especially in productions in which the central issue is the emotional nature. For this purpose, we use a content analysis as the methodology, and also a brief quantitative analysis of the texts which corroborate this book. Based on this methodological approach, we detected that in productions which the theme focused on the emotional universe, approaches and references concerned about the social and national politics were withheld. The quantification of the texts showed that half of the production

¹ Graduanda em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: annynhaaa1@hotmail.com

² Orientadora do trabalho. Professora e coordenador do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB (DECOM/UEPB). E-mail: fatimaluna@ibest.com.br

focuses on the emotional side, whereas the other half deals with themes which are around facts. The survey stated and verified the chronic analyzed bring much of the Brazilian reality and some particularities of our country referred to social and political aspects, explained in all the texts whose the central theme emphasizes the emotion.

Key-words: Arnaldo Jabor, chronicles, socio-politics reality

INTRODUÇÃO

Na era do imediatismo, onde o “furo” jornalístico é tão almejado pelos profissionais da área, e a objetividade no relato dos fatos é essencial na construção da notícia, os leitores se vêem praticamente obrigados a se adaptar ao que a mídia oferece.

As notícias quanto mais objetivas, mais valorizadas pelos editores-chefe e “pauteiros”, que acreditam atender as exigências dos consumidores, oferecendo-lhes rapidez no ato da informação, imparcialidade e objetividade, ingredientes que na escola de jornalismo são pregados como essenciais no exercício da profissão.

Mas, entre os gêneros jornalísticos existentes, podem ser encontrados aqueles que se distanciam da objetividade, mas em contrapartida unem outros ingredientes jornalísticos e elementos literários. Produções nas quais a “vida real” pode ser contada, mas sem a seriedade dos frios leads herdados do modelo americano de jornalismo. É o caso da crônica, gênero considerado tipicamente brasileiro, por não ser produzida em nenhum outro país como é no Brasil, esse tipo de produção resulta do hibridismo entre literatura e jornalismo.

Quando surgiu no Brasil, no final do século XIX, diferentemente das publicações como conhecemos atualmente, as quais têm espaço garantido em muitos veículos de comunicação que circulam diariamente, e além disso, podem ser escritas a partir de um único acontecimento, a crônica carregava a estrutura de simples folhetins que eram escritos semanalmente, neles eram reunidos os acontecimentos ocorridos durante toda a semana, e geralmente eram publicados como rodapés dos jornais. A semelhança entre as publicações “folhetinescas” e a crônica nos moldes atuais, reside no fato de que ambas tratam-se de textos curtos.

Desde que o gênero começou a ser praticado no país, vários escritores se aventuraram (e se aventuram) no “mundo encantado” da crônica, e em suas criações misturam “vida real” e ficção, trazendo entretenimento para os leitores. Podem ser citados aqui, vários autores como: Paulo Barreto, Manuel Antônio Bandeira, Machado de Assis, Rubem Braga, Carlos Drummond, Caco Barcelos, Arnaldo Jabor e tantos outros.

Arnaldo Jabor, um dos nomes da lista de cronistas modernos, em suas produções alcança o objetivo primeiro de quem se aventura a escrever crônicas, ele assume a responsabilidade de unir fantasia e vida real em um mesmo texto, e ainda assim abordar temas de interesse público, em especial sobre a realidade brasileira.

No presente artigo, serão analisadas as produções de Arnaldo Jabor de uma das suas coletâneas de crônicas – *Amor é Prosa Sexo é Poesia – Crônicas afetivas*, a fim de verificar a existência de abordagens acerca da realidade sócio-política do Brasil, até mesmo nas produções em que a matéria prima são temas de cunho emocional, e explicitar a existência de tais abordagens a partir de trechos que comprovem a presença de assuntos que evidenciem a realidade política e social do país.

1. Definição do gênero crônica

“A crônica é um gênero jornalístico que possui suas raízes na literatura e na história. Nela são registrados fatos, cenas, idéias, subjetividades contados de modo descritivo e narrativo pelo cronista”. Embora sucinta, a definição dada por Gustavo Castro, autor do livro *Jornalismo Literário*, possibilita fácil compreensão sobre o que é crônica, sem menosprezar esse gênero, que na medida em que aparenta ser singelo e efêmero, é também capaz de causar certo encantamento no leitor.

Em sua definição, Castro já ousa afirmar que a crônica é um gênero pertencente a esfera do jornalismo, assim como José Marques de Melo, em sua obra intitulada *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*, ao defender que “trata-se do embrião da reportagem. Ou seja, uma narrativa circunstanciada sobre os fatos observados pelo jornalista num determinado espaço de tempo”.

Defendida por alguns autores como “gênero tipicamente brasileiro”, não se tem notícia de que em nenhum outro lugar do mundo, a crônica seja escrita da mesma forma que é por nossos cronistas; nem da maneira como era produzida por seus precursores, como Paulo Barreto, por exemplo, nem tão pouco nos moldes das atuais criações de autores como Fernando Sabino, Caco Barcelos, Arnaldo Jabor, (escritor do livro *Amor é Prosa, Sexo é Poesia*, coletânea que terá suas crônicas analisadas mais adiante), entre outros. Acerca do assunto MELO (1985, p.111) afirma:

No jornalismo brasileiro a crônica é um gênero plenamente definido. Sua configuração contemporânea permitiu a alguns estudiosos proclamarem que

se trata de um gênero tipicamente brasileiro, não encontrando equivalente na produção jornalística de outros países.

A crônica nasce do circunstancial, da tentativa de relatar de maneira encantadora determinado fato, ou de discorrer sobre um assunto que tenha servido de inspiração para o autor.

Nossa certidão de nascimento, como foi chamada por Jorge de Sá, a carta de Pero Vaz de Caminha à El. Rei D. Manuel na ocasião do descobrimento do Brasil, foi o primeiro texto escrito a partir das impressões que o cenário brasileiro, recém descoberto havia causado.

Caminha, que já naquela época escreveu a carta seguindo os moldes de um verdadeiro cronista, e embora tenha garantido apenas descrever o que viu diante dele, embeleza a paisagem e todos os elementos que aqui foram encontrados, e como assinala SÁ (1987, p.5): “recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes”. Segundo registro divulgado pela Fundação Biblioteca Nacional da carta de Pero Vaz de Caminha (s.d):

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, de comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como um furador

Trazendo assim, narração em detalhes e registro do circunstancial, que de acordo com MELO (1985), são entre outras, características presentes na crônica.

A partir de sua criação, Caminha pode ser visto como um cronista, pois (conscientemente ou não) utilizou dois elementos que juntos compõem a crônica: narração literária e relato dos fatos.

1.1 Surgimento da crônica no Brasil

No Brasil, a crônica surge como folhetim, no século XIX. Semanalmente, nos jornais era destinado um espaço para que escritores, normalmente poetas ou ficcionistas, escrevessem seus textos, esses folhetins, que segundo BULHÕES (2007, p.48) assemelhavam-se a “uma seção de variedades e comentários ligeiros sobre acontecimentos da semana”, geralmente vinham como rodapés dos jornais. Nesse período, a produção dessas publicações era de

responsabilidade de cronistas como Francisco Otaviano, seguido de José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia, Coelho Neto, além de vários outros. A essa lista, deve ser acrescentado ainda o nome de Paulo Barreto (pseudônimo João do Rio), que segundo Jorge de Sá, foi o primeiro cronista brasileiro. (MELO, *Idem* apud COUTINHO, s.d.)

A roupagem do folhetim no século seguinte é modificada dando lugar, na década de 30, a crônica como a conhecemos hoje – escrita na maioria das vezes a partir de um único acontecimento. O “ensaio” realizado através das publicações “folhetinescas”, nesse período sai de cena e abre espaço para produções com “sabor e aparência de fruta nacional”, como denomina BULHÕES (*Idem*, p.48).

Em torno da consolidação do gênero como produto declaradamente brasileiro, e também do exercício por parte de nossos autores, CASTRO (2005, p.61 apud CÂNDIDO, 1980) assinala:

Acho que foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e se consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas, com os seus rotineiros e os seus mestres. Os anos 30 se afirmara Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, e apareceu aquele que de certo modo seria ‘o’ cronista, voltado de maneira praticamente exclusiva para este gênero: Rubem Braga.

1.2 Caracterização do gênero

Mistura de literatura e jornalismo - ponto que será melhor abordado ao longo desse artigo, a crônica exige do seu autor que este seja um “narrador-reporter”: relate os fatos a partir do circunstancial, mas para isso utilize uma linguagem poética, mais leve, e elementos ficcionais, o que dará ao texto uma “roupagem” mais amena, ao mesmo tempo que pode vir revestida da intenção de contribuir para a reflexão do leitor acerca do assunto abordado, já que de acordo com ROSSETI (2009, p.24 apud MARCONDES, 2008, p.63):

a literatura – representada aqui pela crônica, é de grande relevância na formação da opinião pública, pois tanto ela quanto a poesia são capazes de movimentar os nossos mecanismos de defesa, são quase capazes de interferir nesses mecanismos, o que pode resultar na modificação e/ ou formação da nossa opinião sobre determinado assunto.

Pode-se dizer que a crônica tem a intenção de entreter o leitor - por isso a disposição de maneira agradável das palavras, além de muitas vezes suscitar reflexões em torno de questões importantes de nosso cotidiano.

2. Crônica: Jornalismo X Literatura ou Jornalismo e Literatura?

O fazer jornalístico sempre esteve atrelado à captura do real. E embora se reconheça que dificilmente a realidade será apresentada com fidelidade nas páginas de um jornal, já que o que existem são interpretações que passam pelas lentes, muitas vezes limitadas de quem faz jornalismo, sabe-se que este tem como função servir de porta-voz dos acontecimentos cotidianos, havendo uma preocupação com a transmissão da “vida real” sem alegorias que comprometam essa reprodução. Para isso, dissemina-se o uso de ingredientes essenciais para a produção de material jornalístico: a imparcialidade e a objetividade. Essas características conferem certo grau de confiabilidade à produção.

BULHÕES (2007, p.11) em sua obra intitulada “*Jornalismo e Literatura em Convergência*”, defende a concretude que a produção jornalística dedica ao relato de fatos do cotidiano:

Seria da natureza do jornalismo tomar a existência como algo observável, comprovável, palpável, a ser transmitido como produto digno de credibilidade. Com isso prestaria – ou desejaria prestar – uma espécie de testemunho do ‘real’, fixando-o e ao mesmo tempo buscando compreendê-lo.

Além do uso obrigatório de elementos como objetividade e imparcialidade, a linguagem também pode ser considerada peça fundamental na construção do relato do real apresentado através das produções jornalísticas, mas embora essa seja de grande importância, como bem observa BULHÕES (*Idem*, p.12), não é primordial, pois “para a atividade jornalística prevalece a noção de que linguagem é meio, é medium, não fim”, indo, portanto, na contra-mão da literatura, que tem a linguagem como seu ponto forte.

Quando se trata de examinar a literatura, percebe-se que a natureza desta se opõe à do jornalismo. A preocupação existente nos textos jornalísticos, de apresentar a realidade tal qual ela é, parece inexistir nas linhas que compõem a produção literária. Nesse tipo de texto há uma fuga da realidade, a objetividade no relato dos fatos (quando há relato) é quase imperceptível. À medida que a literatura busca transformar o real, procura também dar-lhe novos contornos, tenta passar um retrato fabuloso do fato “contado”, muitas vezes chegando a dar um ar de surreal ao que está sendo dito.

A linguagem na produção literária não serve de meio para se chegar à informação, pois nesse tipo de texto informar não é a intenção principal, embora vez por outra sejam encontradas algumas linhas bastante informativas nessas produções. A função de informar é secundária, enquanto que a de “encantar” é a principal. Ou seja, contrariamente ao jornalismo, na literatura a linguagem é fim e não apenas meio, ela é o centro das atenções tanto do autor como do leitor.

Sobre a responsabilidade das palavras dispostas na produção de textos literários, BULHÕES (*Ibidem*), assegura:

[...] para a realização literária tal mundo só importará se o verbal que o transmitir estiver, por assim dizer, transmudado, recriado, destituído de sua função cotidiana e costumeira. Com isso, vem a constatação de que a razão de ser da literatura não é exatamente a comunicação.

A diferença entre as características do texto jornalístico e as do texto literário são inúmeras, ambos tem particularidades que possibilitam a distinção deles possivelmente numa primeira leitura. De um lado a busca da objetividade e de outro a fuga dessa característica. No jornalismo o real é o interessante, na literatura o real parece não importar tanto. Ainda de acordo com BULHÕES (2007, p.16): “O jornalismo seria uma atividade baseada na urgência informativa, ocupado e preocupado somente com os fatos. Quanto à literatura, bem, ela poderia se entregar, sem culpa, aos desregramentos da ficção e da fantasia”.

Apresentadas algumas das diferenças entre o texto jornalístico e o texto literário, e de maneira precipitada, num primeiro contato com as observações feitas acerca dessas distinções, poderia - se afirmar que ambos percorrem caminhos diferentes e chegam a “destinos” também diferenciados. Mas seria um equívoco afirmar isso, sem levar em consideração pontos que aproximam a produção jornalística e a literária, levando-as, muitas vezes, a realizarem as mesmas funções, embora cada uma utilizando artifícios próprios.

Ao analisar alguns textos literários, é possível encontrar traços geralmente presentes nos textos puramente jornalísticos. Utilizando a fabula, a literatura (se assim quiser), põe em sua produção informações diversas sobre determinada cultura, determinado sistema político, determinado país, sendo assim, com seu jeito “encantador”, é capaz de acrescentar doses de informação à fantasia, mas sem obrigar o seu leitor a perceber esse acréscimo. Como afirma BULHÕES (*Idem*, p.19):

Toda realização literária traz claramente ou de modo velado, marcas do contexto em que foi produzida. Isso não quer dizer, todavia, que se deva cobrar do leitor uma atitude de decifração de conteúdos histórico-contextuais supostamente encobertos pelo manto do ficcional-fantasiado.

Nesse sentido, pode-se afirmar que existem gêneros que são resultado do hibridismo entre o real (jornalismo) e o imaginário (literatura), é o caso da crônica, que de acordo com BULHÕES (*Idem*, p.47) “é considerada um gênero ao mesmo tempo jornalístico e literário”. Intencionalmente na crônica misturam-se características dos dois tipos de produção, tornando possível enquadrá-la num tipo de jornalismo conhecido como Jornalismo Literário, este que foi definido por CASTRO (2005, p.7): como sendo “um tipo específico do fazer jornalístico que não exclui a princípio nenhum recurso metodológico ou narrativo [...] tudo ou quase tudo é permitido desde que se saiba usar com talento, engenho e bom senso”. Nela, as particularidades que são observadas separadamente nos textos jornalísticos e nos literários convivem harmonicamente.

Há quem enxergue na crônica trejeitos que lhe confirmam certo grau de inferioridade no que diz respeito à condição de texto literário, chegando a compará-la, como denomina BULHÕES (*Ibidem*), como “uma filha bastarda da literatura”. Acerca dessa desvalorização, não apenas em relação a esse gênero, mas sim em torno do Jornalismo Literário de maneira geral, CASTRO (2005, p.7) discorre: “É exatamente por ser livre, desafiador e arriscado ao ser manipulado, que o Jornalismo Literário foi pouco entendido, até porque pode ser visto mais como uma anarquia estilística do que em seu aspecto sistêmico e complexo”.

Em contrapartida, no jornalismo é perceptível que esse gênero tem espaço garantido na lista de textos “fixos” de periódicos, como um jornal, por exemplo, na maioria das vezes trazendo “leveza” a página, ao ser misturado à “vida real” relatada nas matérias puramente jornalísticas. Segundo BULHÕES (2007, p.47-48):

[...] ela tem lugar assegurado nas páginas dos jornais, funcionando como recanto destinado a arejar o peso da folha diária, tão carregada de preocupações e tensões da vida contingente. O tom da crônica seria, pois, o da descontração, da leveza e do descompromisso, mesmo quando lança um olhar para o mais terrível e urgente dos acontecimentos da atualidade.

As afirmativas anteriores permitem, portanto, uma percepção da crônica como sendo um produto da união entre jornalismo e literatura, o que a coloca dentro da esfera do Jornalismo Literário, já que em relação ao cronista vinculado a veículos de comunicação, cabe a responsabilidade de “incorporar” o papel de ator participativamente ativo nas redações. Ainda de acordo com BULHÕES (*Idem*, p. 49)

E, mesmo que o cronista esteja ausente do ambiente de redação, encarar a crônica como algo que convive com textos de natureza estritamente jornalística é válido para se atentar um pouco à sua natureza. Afinal, ela respira o mesmo ar de circunstancialidade dos textos produzidos pelos

profissionais da imprensa diária. De certo modo a crônica se alimenta dessa convivência no ambiente jornalístico.

3. A multiplicidade do “cineasta das palavras”

“Carioca, jornalista, cineasta, diretor, crítico de tudo”.³ A auto definição de Arnaldo Jabor, sagitariano de 70 anos, pode ser acrescentada ainda a atividade de escritor.

Durante as décadas de 60, 70 e 80, atuando como cineasta produziu sete filmes. Quase 30 anos afastado da produção cinematográfica lança o oitavo filme de sua carreira, em 2010.

Após um tímido “ensaio” em 1962, no jornal ligado ao movimento estudantil “O Metropolitano”, inicia a vida jornalística nos anos 90, dando sua contribuição em renomados jornais brasileiros, e é também nessa época que lança suas primeiras coletâneas de crônicas, que em 2006, chegam a seis livros, além do romance *Eu Sei Que Vou Te Amar*, lançado em 2007, adaptado de um de seus filmes de mesmo nome.

Em paralelo a esses exercícios assume o papel de comentarista em programas de televisão e rádio, nos quais permanece até os dias de hoje. Ambas as atuações tem como pano de fundo a realidade da sociedade brasileira, desde os “seus verdes” anos, como costuma se referir ao período da infância e juventude (anos 50 e 60), até os dias atuais que lhe causam a sensação, segundo afirmação retirada da crônica *Nossos dias Melhores nunca virão?* (JABOR, 2004, p.73), de que “funcionar é preciso; viver não é preciso”, e a felicidade nada mais é que o consumismo e o imediatismo caminhando juntos e apressados.

Atualmente seus textos são publicados em vinte e cinco jornais, comenta fatos relevantes do cenário nacional e/ou internacional nos programas globais, duas vezes por semana, e na rádio CBN, diariamente.

Arnaldo Jabor é um discípulo do teatrólogo e normalista Nelson Rodrigues, fato que talvez explique a maneira adjetivada e exagerada com que tece suas críticas.

3.1 Jabor Cineasta

³ Frase retirada de sua página pessoal no site de relacionamentos Twitter - @realjabor.

Envolvido em questões políticas na juventude, quando se definia de acordo com trecho da crônica *O amor dos anos 60* (*Ibidem*, p.69), como “jovem comuna da ‘base’ cultural da UNE”, em 1967, três anos após o golpe militar, que afasta o Jabor comuna da participação ativa da política carioca, produz seu primeiro longa metragem, o filme *Opinião Pública*, uma espécie de quebra-cabeças, no qual as peças unidas formariam um retrato da sociedade brasileira durante a ditadura, a partir da visão dos próprios brasileiros.

Já nos anos 70, no auge do período ditatorial, a censura chega “às alturas”, impedindo a liberdade nas produções cinematográficas. Na tentativa de continuar expondo seus pontos de vista e defendendo os ideais que o golpe “abafou”, pôs uma espécie de máscara nos elementos que utilizaria na sua produção, e sob essas condições lançou *Pindorama*, filme que recentemente o fez afirmar: “nunca vai haver refilmagem de Pindorama, é o único filme do qual tenho vergonha”.⁴

Ainda na década de 70, produz *Toda Nudez Será Castigada* (1973), que se tornou um dos grandes sucessos do cinema brasileiro, em seguida vieram *O Casamento* (1975) e *Tudo Bem* (1978), que também renderam grandes elogios ao cineasta. Todos os filmes até então produzidos abordavam e criticavam a hipocrisia da moral burguesa.

Sem cortar o “cordão umbilical” com as críticas destinadas à política, mas concentrando-se um pouco mais nas relações afetivas, em 1980 lança *Eu Te Amo*, seguido do *Eu Sei Que Vou Te Amar* (1984), criações carregadas de semelhanças entre elas, e mais voltadas à análises amorosas e sexuais, o que não comprometeu a aceitação do público, o sucesso nas bilheterias confirmou isso.

Durante entrevista publicada em 2010 por Wikerson Landim no site Portal de Cinema, Arnaldo Jabor afirma: “Só escrever e falar de política no Brasil envenena a alma, você tem que prestar tanta atenção no erro que comecei a sentir saudade da arte”, a declaração de Jabor explica o motivo da escolha do tema de sua última produção cinematográfica. *A Suprema Felicidade*, filme lançado no último semestre de 2010, marca a reestréia de Arnaldo ao cinema. Após quase três décadas longe da produção, o cineasta marca sua volta em grande estilo abordando um tema recorrente em suas crônicas – a Felicidade, que para ele, é diferente da felicidade de antigamente e hoje na modernidade não passa do “consumo do outro” (JABOR, 2004, p.20), como afirma em trecho da crônica *Nosso macho feliz é casado consigo mesmo*.

⁴ Frase retirada de sua pagina pessoal no site de relacionamentos Twitter - @realjabor.

No filme, o personagem Paulo, interpretado em diferentes fases pelos atores Cai Manhente, Michel Joelsas e Jayme Matarazzo, vivencia praticamente o que Jabor em suas crônicas relata ter vivido na infância e na adolescência, suscitando suspeitas sobre uma possível autobiografia, trazida para a tela do cinema.

3.2 Jabor cronista

Ao longo de toda a sua trajetória de escritor, que desempenha desde meados dos anos 90, quando começou a descrever e escrever sobre a realidade brasileira, Jabor publica textos muitas vezes “descompromissados”, mas revestidos da sede de explicitar e entender as fraquezas de “uma sociedade ignorante como a nossa” segundo afirma em trecho retirado da crônica *Os homens desejam as mulheres que não existem*, da coletânea *Amor é Prosa Sexo é Poesia – Crônicas afetivas*, de autoria de JABOR (*Idem*, p.143), como também de reafirmar os pontos positivos que percebe nela.

Inaugurando a vida de cronista, o “cineasta das palavras” como foi chamado por Jô Soares, em 1993 disponibiliza ao público seu primeiro livro: a coletânea de crônicas *Os Canibais estão na sala de jantar*, que dois anos depois foi seguida da publicação *Brasil na cabeça* (1995), e *Sanduíches de Realidade* (1997). Já no século XXI, depois de uma pequena pausa, público e críticos conhecem suas novas produções: *A invasão das Salsichas Gigantes* (2001), *Amor é Prosa, Sexo é Poesia* (2004) e *Pornô Política* (2006). As seis coletâneas são lançadas em períodos distintos da política nacional, durante o período dominado pela direita e sob o governo de dentro da esquerda.

A “matéria prima” para suas crônicas são pequenos e grandes acontecimentos, e às vezes detalhes do cotidiano das pessoas, que poderiam ser insignificantes não fosse o olhar atento do escritor que mergulha nos fatos, como se pode fazer referência a Arnaldo Jabor.

Amor, sexo, comportamento, arte, cinema, política, economia, preconceito e tantos outros temas tão presentes no dia-a-dia são abordados nos textos do autor, que durante toda a sua caminhada conquistou (e conquista) legiões de adeptos e não-adeptos das críticas que compõem os seus textos.

3.3 Jabor comentarista

Após sua “despedida” da produção das artes cinematográficas, devido ao novo cenário político do Brasil, no qual Fernando Collor era a representação máxima da República, e as

condições para se “fazer cinema” no país tornaram-se praticamente inexistente, o (temporariamente) ex cineasta, Arnaldo Jabor, impossibilitado de continuar no ramo do cinema aceita o desafio de enfrentar os caminhos jornalísticos e tem como primeira parada o jornal *O Globo*, veículo que passa a ser colunista na metade da década de 90.

Na TV, seu estilo irônico passa a compor também a programação da Rede Globo, e os programas Jornal Nacional, Jornal da Globo, Bom Dia Brasil, Jornal Hoje e Fantástico contam até hoje com seus comentários, recheados de opiniões categóricas, não apenas sobre os acontecimentos do Brasil, como do mundo.

“Ser crítico não quer dizer falar mal. É analisar a verdade por trás daquilo que parece óbvio”⁵, a frase dita pelo “crítico de tudo” pode demonstrar o motivo de sua permanência na lista dos renomados críticos brasileiros.

4. “Amor é Prosa Sexo é Poesia” – abordagens acerca da realidade sócio-política brasileira

4.1 Aspectos Metodológicos

Na análise das crônicas do livro *Amor é Prosa Sexo é Poesia – Crônicas afetivas*, a qual objetiva demonstrar a existência de abordagens acerca da realidade sócio-política do Brasil, até mesmo nas produções que têm como tema central o lado da emoção, foi utilizado como recurso metodológico a Análise de Conteúdo, metodologia que é definida NUNES e LIS (2008, p.7 apud BARDIN,1979, p.4)

Um conjunto de técnicas e análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Levando em consideração o espaço físico disponível, por tratar-se de um artigo científico, para a análise foram selecionadas apenas vinte produções que constituíram o corpus do artigo. No que diz respeito à análise quantitativa dos temas centrais das produções, todas foram mencionadas e quantificadas no trabalho, um total de trinta e seis textos.

⁵ Declaração retirada de sua página pessoal no site de relacionamentos Twitter -@realjabor.

4.2 Análise das crônicas

Penúltima coletânea lançada, de um total de seis de autoria do jornalista Arnaldo Jabor, o livro *Amor é Prosa Sexo é Poesia – Crônicas Afetivas*, apresentada ao público em 2004, reúne trinta e seis crônicas do autor, nas quais são abordados temas diversos: assuntos tanto subjetivos quanto objetivos. Aqui serão expostos pontos de algumas dessas produções que confirmem a existência de abordagens referente à realidade sócio-política do Brasil, até mesmo nas produções nas quais o tema central valoriza a emoção. O que se pretende provar através de pesquisa do tipo exploratória, como também através da inferência (dedução lógica), a partir de tímidas análises referentes aos momentos referenciados nas produções. Além disso, constará o presente artigo de uma breve análise quantitativa acerca dos textos que compõem a coletânea.

A maneira irônica e considerada até apocalíptica com que Jabor tece suas críticas é irrevogavelmente polêmica. O “olhar crítico” presente nas produções é perceptível, embora em algumas, os temas centrais pareçam apontar para textos leves e descompromissados, o que de acordo com MELO (1985, p. 115) se constitui em um artifício de “descanso” em benefício do leitor:

Ainda que o cronista mantenha como diz Antônio Cândido ‘uma conversa aparentemente fiada’ em torno de questões secundárias, não vinculadas ao espectro noticioso, isso constitui um momento de pausa, que reflete a trégua necessária á vida social.

Arnaldo Jabor não usa meias palavras para fazer o que lhe é mais comum: criticar. E na produção em questão, mantém a mesma maneira de produzir suas crônicas, desde que deu início a atuação de cronista, ainda nos anos 90. A matéria prima para as suas produções desde sempre envolve a realidade nacional. Sobre Jabor e seus textos, GOTTARDI (2007, p.83) observa:

[...] crônicas que retratam a situação político-social brasileira contemporânea com uma visão apocalíptica. O posicionamento do discurso do cronista nos leva a classificação do seu feitiço irônico como atacante, em que a carga negativa atinge um máximo levando a uma sátira corrosiva, denotando, em contrapartida, um profundo ceticismo quanto ao seu poder de transformação do quadro criticado.

Na obra *Amor é Prosa Sexo é Poesia*, a maioria dos textos fala de sentimentos: amor, saudade, felicidade, medos, angustia, mas também fatos concretos servem de “pano de fundo” para o autor, como o ataque de 11 de setembro às torres gêmeas nos Estados Unidos, a exposição da imagem feminina, relacionamentos familiares, a corrupção no cenário político,

referência a momentos nos quais o modelo ditatorial era vigente no país, enfim, temas diversos são evidenciados na coletânea.

Embora no próprio título *Amor é Prosa Sexo é Poesia – Crônicas afetivas*, já seja possível a constatação de que as crônicas que serão encontradas são de cunho emocional, assim como em sua apresentação que diz: “ neste livro estão reunidas as melhores crônicas afetivas de Arnaldo Jabor. Com a mesma exuberância que imprime aos seus comentários políticos, ele escreve aqui sobre nossas obsessões mais íntimas: sexo e amor, família, mulheres”, ao dar início a leitura percebe-se que não somente desses temas a obra é composta. Com a criatividade e ousadia que lhes são peculiares, Jabor, até mesmo naquelas crônicas que aparentam total “descompromisso” com a “vida real”, traz linhas que retratam a realidade tanto social quanto política do Brasil, isso tanto em relação aos dias atuais (nesse caso, refere-se ao ano de lançamento do livro), nos quais o PT já “estava no comando”, quanto àquela década de 60, anos inesquecíveis para a população brasileira que vivenciou a ditadura militar. E tantos outros momentos da história do nosso país.

Já abrindo o livro, “Um rosto inesquecível”, primeira crônica da coletânea, fala de amor, mas como pôde ser percebido, nem mesmo os textos de cunho afetivo são isentos de linhas nas quais a realidade sócio-política do Brasil é retratada, “(...) pois já não agüento mais ser apenas uma esponja absorvendo e comentando os bodes que os políticos produzem no Brasil...”, subentende-se que a declaração faz referência a escândalos e descobertas que confeccionavam as páginas dos jornais brasileiros, na época. Nesse período o PT esteve envolvido em escândalos, como o do assessor do ministro da casa civil, José Dirceu, acusado de pedir propina durante as eleições de 2002, além de outros casos que foram trazidos à tona.

Ao falar de saudade, sentimento bastante presente em suas crônicas, em sua produção “Meu avô foi um belo retrato do malandro carioca”, Arnaldo declara: “Os políticos canalhas populistas que estão hoje aí querem a volta do passado apenas pelo lado “sujo” do atraso [...] havia um Rio com poucas migalhas, fabricava uma urbanidade pobre, bela e democrática”, crítica explícita a atuação de parlamentares chamados pelo autor de “populistas”, (referência feita aos “petistas” por serem de certa forma idolatrados por camadas de nível social e econômico considerados inferiores), ele tenta justificar o pouco desenvolvimento carioca nas décadas de 40 e 50; desenvolvimento que apesar de lento, mas na sua concepção era algo merecedor de admiração, pois tratava-se de um desenvolvimento “limpo” se comparado ao do século XXI. No mesmo texto, Jabor traz um pequeno trecho que serve para comprovar o comportamento das moças da época em relação ao sexo e a valorização de tal postura: “ Uma

vez, já mais tarde, eu namorava uma moça lindíssima e virgem (claro)”. Ainda na mesma crônica Jabor faz novamente considerações acerca da política nacional: “Votar em quem? No Getúlio, seu Arnaldinho...ele gosta do povo e eu sou o povo”.

“O bumbum era esperado como um messias redentor, aguardado como a salvação do Brasil neste momento tão sem graça”. “[...] é apenas um bom bumbum brasileiro que um dia cairá, como o PT”, os trechos retirados da crônica intitulada “Meditações diante do bumbum de Juliana”, demonstram a antipatia do autor em relação ao partido PT, além disso, existe a certeza de que o grupo político que era a situação no cenário político do Brasil perderia o poder. Além, de “profecias” em torno da política partidária no Brasil, Jabor no trecho: “Centenas, milhares de moças bonitas usam-na como um emprego informal, um instrumento de ascensão social”, é enfático ao explicitar sua opinião em relação ao “jeitinho brasileiro”, que pelas mulheres de “bumbum bonito” é facilitado pela beleza corporal delas.

Até mesmo quando fala de coisas, que supomos tão distantes de questões políticas, como amor e sexo, por exemplo, o autor se atreve a tocar no assunto sobre a política nacional, no texto que tem o nome da coletânea analisada, Jabor dispara: “Amor é de direita, Sexo, de esquerda (ou não, dependendo do momento político. Atualmente sexo é de direita. Nos anos 60, era o contrário. Sexo era revolucionário e o amor era careta) “, nesse trecho além de mencionar momentos políticos da trajetória brasileira, ele ainda faz uma breve comparação entre a maneira como o amor e o sexo (separados), eram vistos nos anos 60 e como passaram a ser vistos nos dias atuais.

“*Pelé Eterno* me trouxe a infância de volta”, é uma crônica na qual Arnaldo fala de futebol, durante sua infância. Nela o autor faz o retrato dos amantes da paixão nacional, “[...] eu olhava os torcedores olhando o jogo [...] seus gritos e palavrões, seus olhos e bocas desdentadas atentíssimos ao campo [...] os negros eram mais negros nessa época e quase ninguém tinha dente”, o trecho acima, aponta características presentes nos torcedores da época a partir da percepção do autor, um retrato que põe em evidência a situação social de uma parcela X da população naquele período.

Mais uma vez numa de suas abordagens sobre o amor, no texto “Resposta a uma moça 50 anos depois”, são expostos trechos que trazem a tona diferenças entre a realidade vividas nos anos 50 e 60 e a dos “tempos modernos”. Dessa vez as afirmações: “[...] entristece-me pensar que a menina atual não pode ter a infância livre e despreocupada que tivemos” e “[...] a perfeição do som agudo que tirei da folha de fícus enrolada como uma flautinha vegetal, instrumento que hoje os garotos não conhecem mais”, permitem tal constatação. O

segundo trecho faz referência a modernidade nos brinquedos das crianças atualmente, que são acostumadas a produtos globalizados e não mais entretenimentos como os que existiam no período citado.

Com uma carga emocional perceptível, a produção “De camisa amarela, volto aos grandes carnavais”, já em seu título já traz demonstração do nacionalismo que se encontrará no texto. Uma lamentação é percebida nas comparações entre os carnavais das mesmas épocas que já foram feitas referências (décadas de 50 e 60) e os carnavais modernos. Parágrafos inteiros demonstram isso:

O carnaval foi deixando de ser dos ‘foliões’ para ser um espetáculo para os outros; o carnaval deixou de ser vivido para ser olhado, virou uma horda de exibicionismos sexuais, uma suruba iminente sem o sensual perfume do passado. Carnaval sempre foi sempre foi sexo – tudo bem – mas, antes, havia a suave carece, uma moralidade mínima[...] Hoje há corpos malhados, excessivamente nus, montanhas de bundas competindo em falsa liberdade.

O carnaval virou um produto. Por isso tenho saudades das machinhas toscas que começavam a tocar nos rádios por volta de dezembro.

Dirão meus inimigos: esse idiota está louvando o atraso. Estou sim, Naquele atraso havia ainda uma preciosa alma brasileira, um ritmo humano de esperança...

Nossa fraqueza nacional devia ter sido curada por outros métodos; não pela violência das mudanças que a ditadura trouxe e que, depois a globalização americana sacramentou...

Tenho vontade de chorar quando lembro de um Brasil que estava seguindo seu rumo próprio...

Os vários pontos do texto acima expostos, demonstram o sentimento de perda da essência do povo brasileiro, do ponto de vista de Jabor. Em relação ao sexo, a moral, a maneira de festejar, enfim, o autor demonstra lamentação devido ao fato dos valores modernos terem se afastado tanto, dos de antigamente. Além disso, no último trecho citado, o autor responsabiliza o regime ditatorial pelo rumo que o país tomou daqueles anos em diante.

Outro “Raio-X” da sociedade brasileira é feito pelo cronista em mais um texto. “Suzane, 19 anos, bela e rica, matou por amor”, nessa produção Arnaldo afirma: “A sociedade está tão narcisista, tão excludente de qualquer solidariedade, tão brutal no seu desejo de satisfação, que contamina até os privilegiados”. O texto faz referência ao assassinato do casal

Von Richtofen cometido pela jovem Suzane Von Richthofen, filha deles. De acordo com o autor, o crime é resultado da mudança de valores: “queriam grana, motocicletas e tatuagens, filhos dessa geração de shoppings e violência”.

Referindo-se aos relacionamentos nos na década de 60, Jabor em “O amor dos anos 60”, já inicia o texto com a seguinte declaração “Eu sou do tempo que as namoradas não davam”, seguida de outras como: “[...] as meninas com pavor de engravidar, deixavam quase tudo menos o principal”, “os meninos de hoje vivem em haréns”. Nesses trechos percebe-se que o autor enfatiza a diferença entre o modo como a sexo era enxergado pelas moças da época e como é encarado hoje em dia, admitindo que o sexo antes do casamento tornou-se banal, “ninguém dava, as poucas que o faziam eram apontadas pelos rapazes [...] quantos teriam coragem de casar com elas?”. “tudo era complicado, tudo era proibido...”, diz o autor, que na mesma produção faz uma crítica ao imediatismo dos dias atuais: “Havia menos gente. Acontecia menos coisas. As pessoas eram mais individualizadas [...] Havia tempo para o tempo passar”. E ainda na crônica referida o autor reclama do “atraso” do país, o que pode ser demonstrando no trecho: “e nós, hoje, nesta infernal transição entre o atraso e uma modernização que não chega nunca?”.

Um diálogo imaginário entre o padre e sua esposa (caso o celibato não fosse obrigatório), em “Entre o celibato e o casamento, o coração balança”, Arnaldo dispara críticas nos trechos: “os pecados estão mudando..o que tem de corrupção, de cheques sem fundo [...] Não há mais pureza ou arrependimento [...] só sexo sem culpa” “[...] com a crise ninguém dá mais esmolas”, nesses pontos do diálogo fica evidente a percepção do cronista acerca dos “pecados modernos”, assim como em outros textos, demonstrando a mudança de valores da sociedade.

O valor mercadológico atribuído a tudo e qualquer coisa, inclusive as relações afetivas, do ponto de vista de Jabor é algo mais que concreto. Em sua décima quinta crônica da obra em questão “O amor deixa muito a desejar”, o autor enfoca isso nos trechos “[...] o dinheiro contabilizou o amor [...] temos medo de perder no amor e fracassar no mercado. O amor pode atrapalhar a produção”, “a publicidade desvastou o amor...”, “Hoje podemos tudo [...] desde que não prejudiquem a produção”. As declarações feitas alertam para a insolidéz das relações entre as pessoas atualmente, demonstram o materialismo se sobrepondo a afetividade.

Mais uma vez a mudança dos valores da sociedade brasileira confecciona um dos textos de Arnaldo. “As celebridades fervem no caldeirão da loucura”, tem trechos nos quais críticas saem “da boca” do autor. “Este clima geral dispersivo, pagodeiro, gargalhante,

desreprimido parece liberdade, mas não é [...] somos livres dentro de um chiqueirinho de irrelevâncias”, explicitamente Jabor demonstra o descontentamento em diagnosticar que o que o brasileiro valoriza hoje em dia é somente o superfulo, as grandes conquistas, os momentos de glória, tão almejados e sonhados por aqueles que lutaram contra o regime militar não “tem mais graça” para os membros da sociedade atual. “não precisamos fazer mais nada, só precisamos aparecer” “As coisas já mandam em tudo”, ele externa a insatisfação com a postura dominante entre os brasileiros. Mas aqui Jabor não apenas lamenta e expõe sua decepção, há uma tentativa de sugerir mudanças, o trecho seguinte confirma isso: “Não podemos continuar aceitando tudo, num conformismo sínico e individualista”.

Falando de comemoração natalina, na crônica “Nunca acreditei muito em Papai Noel”, Arnaldo Jabor, faz uma declaração que embora seja em relação a época na qual ainda era criança, assemelha-se com afirmações já feitas acerca da valorização de bens materiais e diferenças sociais nos dias de hoje. A frase diz: “O destino das família é evidente no Natal. Os pobres ficam mais tristes com a dor do pouco que podem dar aos filhinhos, e os ricos, mais obstinados em provar a si mesmos que serão felizes a qualquer preço”.

Um ponto que explicitamente ainda não havia sido mencionado nos textos analisados, pôde ser encontrado na crônica “A casa da minha mãe nunca ficou pronta”: a violência no Brasil. No trecho “[...] vivemos o medo das ruas, das balas perdidas, que não havia...” o autor lamenta o fato de que nos dias atuais a violência é nossa indesejada “companheira”, e encerra com um questionamento: “Que vai nos acontecer nesse mundo [...] nesse país de crimes e riscos Brasil, onde nada se soluciona, onde tudo é impasse e encrenca?”.

Nas crônicas analisadas (um total de vinte), Arnaldo Jabor, em algumas de maneira explícita, em outras um tanto “mascarada”, expõe pontos que retratam sob sua ótica, as particularidades da realidade brasileira em relação a condições sócio-política.

Pôde ser percebido que nas produções em que há grande uso da ironia para expor o cenário brasileiro, há um certo grau de agressividade nas palavras usadas nos textos, o que baseado nas leituras de GOTTARDI (2007, p.89) ocorre devido a uma tentativa de correção do quadro observado: “A ironia presente no texto de Jabor tem, indiscutivelmente, uma função corretiva, manifestando-se de uma forma fortemente agressiva e provocante [...] a violência da sua linguagem exprime tanto o grau de sua indignação...”.

Ainda de acordo com a autora, Arnaldo Jabor evidencia o descontentamento e a tentativa de “gritar” que está insatisfeito com o que observa, portanto, como afirma

GOTTARDI (*Idem*, p.90): “deixa bem marcado o seu pensamento, a sua crítica, transformando a crônica num testemunho e num protesto com a situação vigente”.

As críticas encontradas em suas crônicas, que podem ser consideradas mais ofensivas, dizem respeito ao cenário político do país. Quando se refere às posturas, decisões e comportamentos dos políticos brasileiros, o autor é enfático e agressivo nas declarações, sobre o assunto GOTTARDI (2007, p. 104) observa:

Esta agressividade de seu discurso tornou-se a marca identificadora do cronista, alçando-o a um tom solene, em que não cabe a graça ou o riso amável, mas sim o deboche, o escárnio e a indignação; é a zombaria, fruto da raiva e não da benevolência. Revela ainda, na atitude de ataque, de um lado, firmeza de crenças e valores, e, de outro, um propósito normativo e corretivo...

MELO (1985, p. 116) afirma que: “o cronista que sabe atuar como consciência poética da atualidade é aquele que mantém vivo o interesse do seu público e converte a crônica em algo desejado pelos leitores”. Nesse sentido, Arnaldo Jabor, atua como cronista no sentido amplo a palavra, usando criatividade necessária na criação de suas crônicas, fato que o enquadra na definição de MELO.

4.3 Temas centrais – Breve análise quantitativa das crônicas

Conforme já foi apresentada, a coletânea da qual foram retiradas às crônicas para análise nesse artigo, é composta por textos de diversos temas, e faz jus ao título *Amor é Prosa Sexo é Poesia – Crônicas afetivas*, na metade de suas produções é dado enfoque ao lado emocional: amor, amizade, sexo, saúde, angústia, medos, traumas, nacionalismo, enfim, embora o objeto de estudo sejam as abordagens acerca da realidade sócio-política brasileira encontrada nas crônicas, a temática central de 18 dos 36 textos, o que corresponde a 50% do total, é de cunho afetivo, desses 50%, o Amor é a temática central de 6 produções, enquanto que as 18 crônicas restantes, que correspondem aos outros 50%, apesar de também trazerem abordagens que caminhem para o lado emocional não tem como temáticas centrais assuntos afetivos.

TÍTULO	TEMÁTICA CENTRAL
Um rosto inesquecível	Amor
O mundo de hoje é travesti	Mulheres
Nosso macho feliz é casado consigo mesmo	Felicidade

Meu avô foi um belo retrato do malandro carioca	Lembranças da infância
Meditações diante do bumbum de Juliana	Exposição da mulher nas revistas
Amor é prosa, sexo é poesia	Amor e Sexo
O chato é antes de tudo um forte	Pessoas chatas
Pelé eterno me trouxe a infância de volta	Lembranças da infância
Resposta a uma moça cinqüenta anos depois	Amor
De camisa amarela, volto aos grandes carnavais	Carnaval
Suzane, 19 anos, bela e rica, matou por amor	Assassinato do casal Von Richtofen
O amor dos anos 60	Amor
Nossos dias melhores nunca virão?	"Era" do imediatismo
Entre o celibato e o casamento, o coração balança	Vida de padre
O amor deixa muito a desejar	Amor
Nunca acreditei muito em Papai Noel	Natal
A casa da minha mãe nunca ficou pronta	Lembranças da mãe
O Brasil e o mundo podem prejudicar a sua saúde	Brasil como um todo
A pedofilia na igreja é consequência do celibato	Pedofilia / celibato
Meu pai foi um mistério em minha vida	Relação com o pai
Vivemos sob pequenas bobagens que nos enlouquecem	Atualidades "fúteis"
As confissões sinceras de um ladrão	Corrupção
Os homens desejam as mulheres que não existem	Exposição da imagem feminina
Antigamente, quando eu era pequenino...	Infância
O amor impossível é o verdadeiro amor	Amor
O travesti está na terceira margem do Rio	Vida de travesti
O grande sucesso do herói sem coração	Frieza de criminosos
A morte não está nem aí para nós	Morte
Um asteróide de Deus caiu sobre o Ocidente	Ataque de 11 de setembro aos EUA
Felicidade é a empada do Bigode	Felicidade
A humanidade sempre foi uma ilusão à toa	Humanidade
Onde estão os hippies agora que precisamos deles?	Movimentos populares
As celebridades fervem no caldeirão da loucura	Brasil e o mundo – suas "loucuras"
Adoro sepulcros caídos e lágrimas de crocodilo	Corrupção
Vamos beber no passado para esquecer o presente	Lembranças da década de 60
Espelho meu, quem é o imperador do Mundo?	Bush (enquanto presidente dos EUA)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra analisada – *Amor é Prosa Sexo é Poesia – Crônicas Afetivas*, traz muito da realidade brasileira. A partir das análises realizadas pôde ser percebido que as particularidades do país referentes a aspectos sociais e políticos, são explicitadas em quase todos os textos. Embora metade das produções seja voltada para o lado emocional, são percebidas referências a momentos da história política do Brasil, diferenças entre as camadas sociais, exaltação a modelos seguidos pelo Brasil de antigamente, violência, preconceito, enfim, até mesmo entre saudosas lembranças da infância de Jabor são encontradas linhas nas quais o Brasil serve de referência.

Para Arnaldo Jabor, observar e comentar a realidade do país não basta, e é produzindo crônicas que o autor externa desânimo, crítica, lamenta, e até exalta a sociedade brasileira. Pontos da realidade sócio-política do Brasil, que são considerados pelo autor como merecedores de atenção servem de inspiração para a criação de seus textos.

Observa-se ainda, que o autor é enfático na maioria das crônicas ao afirmar que o Brasil de hoje – em relação às diferenças sociais e aspectos políticos – é o que restou do regime militar ocorrido na década de 60. Em vários textos a ditadura é mencionada e responsabilizada pelo subdesenvolvimento do país atualmente, o que de acordo com Jabor ocorre com o auxílio do atual governo – o Partido dos Trabalhadores (PT).

Já em relação ao notável distanciamento das camadas sociais no país, percebe-se que o cronista enfatiza as diferenças de valores morais entre elas, demonstrando que o materialismo está ganhando espaço nas relações pessoais.

Seja qual for o tema central da criação, ironia e humor são elementos presentes nas crônicas de Jabor, que os utiliza na tentativa de ridicularizar aspectos que sob sua ótica são vergonhosos, principalmente no que diz respeito à política partidária no país. Já no que se refere às lembranças dos anos 50 e 60, as comparações feitas entre esse período e os dias atuais, não só retrata uma época na qual “havia tempo para o tempo passar”, como também demonstra certo cansaço da “era do imediatismo”, que vivemos hoje.

A coletânea em questão trata de temas diversos: amor, felicidade, sexo, preconceito, saudade, morte, e vários outros de cunho emocional, mas o que pôde ser constatado é que até mesmo nas produções nas quais a temática central gira em torno de abordagens sentimentais, o Brasil serve de “pano de fundo” para a confecção dos textos. E não apenas a emoção compõe sua produção. Nas suas crônicas pode ser encontrada a retratação de vários assuntos

relacionados ao país. Tanto de maneira explícita, quando é enfático ao fazer as críticas, quanto implicitamente, como por exemplo, nos momentos em que usa jogos de palavras, as quais lhes dá duplos sentidos. O que permite afirmar que o cenário político tem espaço garantido nas produções do autor, sejam elas voltadas para o lado afetivo, ou não.

REFERÊNCIAS

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo em Convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo Literário**. Disponível em: <<http://www.casadasmusas.org.br/downloads/Jornalismo%20Literario.pdf>> Acesso em: 5 de out. 2010.

GOTTARDI, Ana Maria. **A crônica na mídia impressa**. São Paulo: Arte e ciência, 2007

JABOR, Arnaldo. **Amor é prosa sexo é poesia: Crônicas afetivas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LANDIM, Wikerson. **Arnaldo Jabor fala sobre A Suprema Felicidade**. Disponível em: <<http://portaldecinema.com.br/news/2010/11/01/entrevista-arnaldo-jabor-fala-sobre-a-suprema-felicidade>> Acesso em: 15 de out. 2010.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

NUNES, Aline Vieira de lima; LIS, Samuel Lincoln Bezerra. **Análise de conteúdo: Olhar da técnica sobre o preconceito racial no Brasil**. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0443.pdf> Acesso em: 15 de Fev. 2011.

ROSSETTI, Regina. **As metáforas nas crônicas jornalísticas de Cony e Veríssimo**. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/10991/10464>> Acesso em: 10 de Nov. 2010.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Ática, 1987.